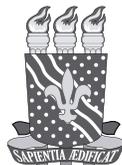




Tulíola Almeida de Souza Lima

COMO ELABORAR
UM CASAMENTO
EM 40 POEMAS
e outras declarações de amor

COMO ELABORAR
UM CASAMENTO
EM 40 POEMAS
e outras declarações de amor



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Tulíola Almeida de Souza Lima

COMO ELABORAR UM
CASAMENTO EM 40 POEMAS
e outras declarações de amor

EDITORA UFPB
João Pessoa
2023

1ª Edição – 2023

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 02/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**
Edição eletrônica e design de capa · **Josué Santiago**
Imagem de capa · **Kier in Sight Archives**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

L732c Lima, Tuliola Almeida de Souza.
Como elaborar um casamento em 40 poemas : e outras declarações de amor [recurso eletrônico] / Tuliola Almeida de Souza Lima. - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2023.

E-book.
Modo de acesso: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN 978-65-5942-221-0

1. Poema. 2. Experimentação em versos. I. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I – Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

Para Lena (*in memoriam*)

Agradeço ao Juliano Butz, pelo amor em formas de leituras.

APRESENTAÇÃO

Trata-se de um primeiro exercício de escrita de si e de experimentação em versos.

A autora sempre gostou de ler e escrever. Em um dado momento da sua vida, precisou de coragem para enfrentar situações pessoais e a encontrou sonhando e escrevendo.

Planeja outras obras para o futuro.

SUMÁRIO

Seção I: um coração em mudança para zona de clima temperado	9
Nove ou dez de novembro	10
Chegada	12
Caramujar.....	13
Vizinhança russa	14
Desenho rasgado	15
(Sem nome)	16
Humanas	17
Cheias	18
Mistura de viola e guitarra	19
Seção II: primeiras nomeações	20
Jardim da sereia	21
Liquidez	22
Viagem de 06 dias em 155 palavras.....	23
Epidemiologia de um novo mundo	24
À beira da lagoa de Óbidos	25
Perfilhar.....	27
Poema Maior	29
Uma vingança, uma esperança	31
Feriado partido	32
Reverberações.....	33
26 ou 27 de junho	34



SEÇÃO I: UM CORAÇÃO
EM MUDANÇA PARA
ZONA DE CLIMA TEMPERADO

Nove ou dez de novembro

Entre inúmeras viagens,
aéreas e terrestres,
um dia surgiu em mim
este espaço interno,
côncavo.
Prenhe de vontade de ser
preenchido
e mesmo assim guardado em segredo.

Assim se deu este aparecimento,
súbito,
como se dá o início da vida
em nossos ventres.
Depois percebi a ânsia
pela intimidade
enquanto tecia sutilmente,
por meses a fio,
um véu que pudesse cobrir
este amor.

Agora sei que não adianta
fechar os olhos com força
quando não se consegue mais dormir.
Porque aprendi a reconhecer,
de um jeito às vezes doce,
a violência que representa
essa imobilidade criada por nós mesmas.
Chega então um momento
em que os tempos verbais da primeira língua
não bastam para nos exprimir.
Terão que ser reconstruídos.

E comigo estarão sempre os bordados do Bispo,
as levitações do Bidurfe,
a poesia colhida nas ruas
e pintada nos muros do Santa Tereza

Porque mesmo distante,
Ao confundir um barulho infernal
De máquina
Com o som dos meus sentimentos,
passei a rasgar sacolas de compra,
feitas de papel,
durante a madrugada.
E o que se abriu
diante de mim
foi um painel
onde pudesse pintar meus sonhos.

Chegada

Hoje enquanto caminhava pela cidade
sentindo o vento em meus cabelos e
me desestabilizando toda
observava as árvores no outono,
cada uma em seu ritmo de vermelho.

Quantas vezes me lembrei de você
nessa viagem fora do país e dentro de mim!
Você, o sonho mais bonito que tive
e que deveria ter sido guardado em segredo.

Mas meu espírito grita, dança e se expõe.
Agora, com essa força, sigo águas e pássaros
E quando menos espero vislumbro outros matizes,
criando tonalidades e inventando escritas.

As lembranças mórbidas não me assustam mais,
elas vêm e vão ao longo das noites.
E cada memória do seu olhar
enche meu corpo e minha alma.
Preenchendo existências sensíveis.

Não me importa como chamar essas pedras e plantas
em outras línguas, outros contextos.
Não me importa saber o que é o amor.
Quero é saber lidar com isso que nos vigia,
sem negar o que me move
tampouco esconder o que não pode ser escondido
Está visível, na pele, e sempre estará.

Caramujar

Sou uma pessoa que deixa rastros
Talvez por isso tenha tanta necessidade da música
Para variar a intensidade das pegadas
E ajudar na variação do deslocamento

Às vezes tenho muitos sonhos
E começo a ver meu coração se esgueirando pelas frestas,
Procurando compassos em outro idioma.

Lembro-me de um namorado da adolescência
Que tocava meu corpo como tocava piano
Na época achava engraçado,
Mas hoje ouço como era sério

Depois tive um período
De longa cumplicidade suicida
Que a gente chamava de amor
Era bonito e a gente sabia!

Prefiro, agora, no entanto, me identificar
Com os animais a partir da sua poesia,
Ficando assim perto das águas,
Que diluem as memórias e as oferecem
Como alimento para outras criaturas.

Vizinhança russa

Este foi um ano com dois invernos
e inúmeras noites interrompidas
por emoções descabidas:
O desejo de escrever nas linhas do mundo
Com fluidez,
A busca por um idioma que comunicasse
O amor,
Sonhos com histórias que não existem.
O eco do coração batendo no travesseiro
À espera de que amanheça o dia.
Abro os olhos e vejo pedaços que não me pertencem
Sinto caindo cabelos que não são meus
e me identifico com a menina que
fazia pedidos
conversava com as estrelas
acreditava em anjos.
Recolho a saudade e observo
a diminuição do fluxo das lágrimas.
No próximo ano eu quero
ser criança.

Desenho rasgado

Tento ficar em silêncio,
mas meu coração bate
com tanta força
que não o permite

Sinto que esse movimento
é o que alimenta
aqueles pedaços arrancados
que circulam pelo mundo
procurando você

(Sem nome)

Sim, agora me lembro da sua oferta:
dezoito a trinta sonhos depois do encontro.
E de quando você me sugeriu
pintar meus sonhos de violeta

Basta ver o raio de sol, efêmero,
para aquecer de novo as lembranças
Esta é a época da vida em que
dormir demais amarrota a alma

Se eu pudesse te ver hoje
me deixaria estar pronta,
Leve e com os cabelos soltos
Ansiando para te inebriar com o meu cheiro

Ficaria feliz em te dizer que
sigo seus conselhos, dos quais você talvez nem se lembre
e que me renovo com o ritmo das chuvas.

Ontem à noite fui à beira do rio
misturando imagens de oração e dança
e deixei nas águas pedaços de oferendas,
composições íntimas de mim,
enquanto espero o dia de te encontrar de novo

Humanas

Houve uma época em que tratava meus sonhos
Com fria curiosidade científica.
Dormia comprimida,
Pré-fabricava matérias
Ensaiaava pela manhã o modo de narrá-las.

Cheguei a me acostumar
Com essas expectativas brancas.
Roboticamente me esquecia do seu peso,
Vestia trapos que amenizavam o olhar.

Mas tenho aprendido a ser mais botânica,
Encharcar minhas raízes,
Deixar cair minhas folhas velhas,
gerar novos frutos ao trocar da estação

O que surpreende essas racionalidades masculinas
é sermos capazes de acordar no meio da noite,
Andando levemente e sem tocar o chão,
Indo, de olhos fechados, ao encontro do que amamos

Julgam não sabermos onde vamos
Chamam-nos, mais uma vez,
Cegas, loucas.
Emotivas.
Inconsequentes.
Querem nos ameaçar.

Mas não imaginam quanto conseguimos
nos renovar.
E que nosso medo desaparece
Antes de cair a noite.

Cheias

O rio que transborda em mim
Parece indicar mudanças radicais em seu curso.
Revelando, na mudança da estação,
Que aquela serenidade
Forjada em suas margens
Não poderá se manter.
Sinto essa coisa imensa, descabida,
Tomando forma na sua melodia.
Sem querer insisto na contemplação,
Relembro a postura daqueles que lamentam
E se assustam com a mudança.
Mas vi um homem tocando violão,
Se queixando das chuvas,
Enquanto alguém dizia:
O esquecimento é quando chacoalha.
E assim o vejo refletido nos redemoinhos.
No momento róseo da aurora
Percebi o instante exato
Em que se apagaram as luzes
E brilhou novamente o seu sorriso.
O som que flui nesse novo dia
Talvez me leve até você
Ou se desafogue durante a corrida.
Certo é que não há morada fixa
Em tais contextos de imprevisibilidade.

Mistura de viola e guitarra

Naquela noite eu já estava em estado de pré-êxtase:
Pessoas giravam ao meu redor,
Músicas tocadas intensamente em vários ambientes,
Enquanto eu desconstruía meus passos entre livros.

Sempre desejando tecer relações artesanais.
Eis que você surge, com olhar vidrado
E dança comigo inesperadamente.
Um toque preciso anuncia uma obra nova a ser composta.

Lembro de ter voltado a respirar logo depois.

E vieram outros ciclos, outras luas.
Durante sua performance percebo que estou no cio.
Canina, com olfato apurado,
Pêlo ouriçado, mordedora.

Não nos conhecíamos, mas sabíamos ter dançado juntos.

O que se seguiu foram maravilhas íntimas.
A sua mão no meu quadril provocando um novo refrão.
Ritmos que se procuram e fundem
Fluidos cruzados sem medo.

Tenho agora outra pele, outras marcas.
Convivo com fragmentos oníricos
“Fare l’amore”, o que quer que seja,
é um ritornelo que vem gotejar poesia
Nas minhas noites de solidão



SEÇÃO II: PRIMEIRAS NOMEAÇÕES

Jardim da sereia

Viajei por diversos países
tentando, sem pretensão,
me desvencilhar da sua presença.

Levada pelo comboio, de costas,
esperava alcançar uma nova fisiologia.
Não uma alteração dos sentidos,
mas outros espaços para percorrerem
as substâncias nos meus vasos sanguíneos.
Uma rota fisiológica estranhamente influenciada
pelas lembranças refletidas no céu.

Saio de mim para ver outras mulheres:
as que têm medo das sombras,
as que se sentam em roda na praia,
as que toleram e aceitam os maridos.

Quando retorno te sinto,
mais uma vez, sob a minha pele
E se escrevo, de novo, é por causa desse sangue cíclico
com o quê pinto minhas mãos
e componho, no papel, inventadas memórias.

Tu segues tua música e teu destino
e se chegares perto te mostrarei
que a poesia é feminina.

Metabolizamos receios e
recriamos sonhos,
devolvendo ao mundo a
estética que sai das nossas entranhas.

Liquidez

Ao chegar na praça eu me despi
Quase gritei teu nome
Sem arcabouço poético,
Referência mitológica.

Ouvia uma música inventada
A partir do sussurro de tuas declarações
O coração a bater harmonicamente
A respiração tornada melodia
O teu olhar também me movendo
Ao escrever contos improváveis.

À violência de um sonho,
À garganta cortada por um metal frio,
Segue a pacificação do desejo
E a serenidade das nuvens que se movem
Num pôr do sol observado
Atrás das chuvas.

Me chame pela intimidade das águas,
Pois sigo escorrendo pelos espaços urbanos.

Viagem de 06 dias em 155 palavras

Enquanto observava as paisagens,
A viagem das minhas mãos procurando você,
Uma voz suave, estrangeira, ressonava atrás de mim
Ao lado de uma criança alegre.

Com que força se ergueram aquelas montanhas,
Permitindo tantas vidas díspares em suas frestas!
Entre as casas e vilarejos ouço tambores e pássaros,
Melodias ao mesmo tempo confortáveis e estimuladoras

Vejo meninas que se comunicam por gestos,
Mulheres não autorizadas a falar
Tradições manifestas em desenhos e tapeçarias
utilizadas para comércio e transmissão de segredos.

A música é um convite à imersão
A segura é só aparente
As estrelas brilham de novo, e além,
Em constelações intercontinentais
Que penetram meu corpo e
Se sedimentam em minha pele.

A geografia da dança me mostra
O oceano que conecta o amor
E a subversão feminina que está na origem de tudo.
Se me disfarço com os tecidos
E os cheiros de outras ervas
é para guardar minha essência
até quando você chegar.

Epidemiologia de um novo mundo

Mil rostos de escritores me olham
enquanto sinto seu filho sendo gerado em mim

Eu me dissolvo numa taça de vinho,
vejo a lua cheia refletida na janela,
sobre a imagem de livros
e sonhos sem fim

Murmúrios políticos que invadem meu sono
criações artísticas esfaceladas

Gritos raciais que se movem, com medo.
Mulheres que se renovam
às vezes sozinhas.

A lembrança do amor que persiste,
A conspiração multi-linguística
Explode em outras estrofes
Sobre o reflexo dos barcos,
Além das folhas e flores
que percorrem nações
e propõem um futuro a ser inventado
A partir de agora
Com ou sem você.

À beira da lagoa de Óbidos

Uma mulher branca me perguntou
Quais são as minhas ancestralidades
Tentei responder, para eu mesma,
De diversas formas.
Penso nos sobrenomes,
Na língua imposta.
No peso dessa identidade.
Desconfio da vontade de superioridade
nessa pergunta.
Chorei tanto naqueles dias
E perdi minhas referências de fala.
Até me sentir provocada a dançar.
Quando me envolvo em uma cultura estrangeira,
E me ponho a escutar as memórias
do meu corpo,
teu cheiro e teu gosto retornam
E me incentivam a despir-me
para mostrar quem sou.
Aquele música que nos conecta por dentro
não é assim tão brasileira quanto pensava.
O que herdei, afinal, foi essa inspiração
que retorna do contato com a terra,
Se espelha nessas lagoas,
É afinada com o calor da tua voz.
Quanto mais reta a estrada,
nesses caminhos,
maior a minha intenção de desvio.
Assim me ocupo e me reinvento,
À espera de uma primavera mais uma vez adiada.
Desta vez não revelo meu sonho,

pois ele já circula no mundo,
com vida própria,
entre nações e performances ligadas em si.

Perfilhar

Rafael, a tua voz doce chega e me chama
Por um apelido quase infantil
Inaugurado com uma maternidade que,
Como todas, nunca aprendi.

As bolinhas e as lágrimas se misturam,
Engolimos a música,
Tocamos as ervilhas,
Dançamos com os verdes,
Passeamos os brinquedos.

Talvez um dia você também ache bonito
Os afetos que circulam nos comboios,
As flores esparramadas nos jardins.
Talvez aprenda com a tua mãe
A fotografar pequenas plantas,
Estudar microorganismos,
Construir-se perante os outros.

Ó filha! Deixa-te estar quietinha.
Por enquanto é tempo de sonhar.
Rever e abraçar os amigos.
Imaginar-se careca.
Juntar todos os meus issos...

Se nos assustarmos pelos barulhos,
Nos escuros e becos,
Pediremos colo e modelaremos as massinhas.
Comendo e cantando.
Ajudando e chorando.

Quando eu voltar do meu passeio de velotrol pela Europa
Vou te ligar
E resolveremos essas nossas reais necessidades.

Poema Maior

Um corpo de 35 anos pergunta-se
Como sustentar-se?
Pois desde os 5 brinca de ler
Deixado no primeiro palco,
Com incentivo ao canto,
O uso de uma presença infinita
Criando um desejo que dura décadas.

Qualquer referência folclórica torna-se diminuída
Entre as repetições orquestradas
E manifestadas na alegria das crianças.
O medo do toque alheio
dá lugar à vontade de exibição

Um consumo quase ilícito
leva ao amor de quem ensina.
A conversa sobre a peça que se traduz em beleza,
a corrida solitária em uma pequena cidade.
O susto da atração pelo outro escondido em livros.

A lembrança literária retorna como o pôr do sol.
Literatura descoberta com o estômago
Poetas que demonstram como ouvir o mundo
Intelectuais que questionam as verdades.
Sopros de flauta criados para amenizar a dor.

Mas um batuque sempre traz, de novo,
A possibilidade de um encontro feliz.
Experimentações que criam coragem.

Então percebo um jogo de forças,
Embora não entenda a diferença entre
Puxar e empurrar uma pessoa para fora de seu palco.

Vejo como um artista cresce,
despertando seus sentidos.
E lembro daquela cena quando,
Muito à vontade, declarei um beijo intenso,
que seria feito ao vivo, com platéia...
mas para alguém que morreu jovem
Há muitos anos

Agora a anestesia localizada.
7 camadas cortadas,
136 pontos costurados friamente,
que se escondem em movimentos sinuosos
e alegres.

A paixão é aquilo que retorna com o movimento dos astros.
Esse corpo que se atrai,
Cai em si,
Reorganiza percepções,
Sonha porque existem outras línguas.

Aquilo que sou se descobre num circuito de giros
para deixar-se ir em fantasias
submersas em um oceano
aparentemente calmo

Uma vingança, uma esperança

Cortei minha cabeça e joguei no rio
Já me sinto melhor enquanto caminho.
A memória dos meus antepassados está presa
nessa escrita mal feita,
História brancamente recontada

Mantenho os furos da minha orelha preenchidos
com as pedras que vêm da nossa terra,
aquela que teríamos preservado
antes da invasão, antes da infecção

Mostro o brilho da comunhão com o planeta
Deixo minhas mãos viajarem sozinhas,
Sonhando águas cristalinas.
Os pés vão a outra parte,
pisando flores...

Os mortos reaparecem em cenas tranquilas.
Aprendemos a observar o vôo dos pombos,
A luz do sol entre os ramos do pinheiro.

Mas a primavera não conterà a raiva.
A língua segue inflamada na garganta.
E eu ouvi o arroteo do filósofo.
Fugi da polícia,
Fechei-me em casa e me abri pra você
Gritando seu nome na janela
E de novo o corpo, o corpo.
Estes fragmentos-estrelas que não se deixam capturar
E se espalham insistentemente ao meu redor

Feriado partido

Um olho de gato me olhando
Pela treliça da janela da frente.
Quando um barulho humano estridente
recomeça quem se incomoda
e se afasta sou eu

Não quero prestar contas
a nenhum homem
Vou me despir onde estiver,
Entre mulheres e pássaros,
tratando as cidades por matas

Evito a chuva e encaro o vento.
Viro acontecimento sob o sol
E reconheço o ritmo masculino
pulsando em mim

Estranho jeito de funcionar nas ausências

Se essa coragem fragmentada
é feminina, eu não sei
Mas sigo o sonho de correr mundo
sobre quatro patas
escutando as asas
e inventando instintos

Reverberações

Hoje é um dia de cicatrizar feridas
Muitos povos agonizam em minhas entranhas
Escuto onde estou
Piso de novo os caminhos percorridos

Estou novamente diante da mulher branca
tentando explicar o tamanho da minha ligação com o rio
Vejo as cores e raças dessas pessoas
Através da persistência da memória em meu corpo.

Quantas lágrimas nos escorreram até aqui?
Agora estou despida, envolta na sua presença
Surpreendida pelas gotas que voam com o vento.
Antes tudo era uma confusão de água e sangue.
Espasmos descontrolados e frios nervosos
até reconstruirmos nosso nome e nossas músicas

Temos nossas matérias que se deixam encantar
por vocês, que traduzem a audição
em um sentido pleno
e nos fazem dançar, mesmo sem o saberem.

Aprendemos com a fluidez da seiva
e ao nos recontarmos perdemos nossos medos.
Posso dizê-lo porque sou protegida por um pinheiro

Pois é impossível conviver com uma árvore
e não se apaixonar por ela
Como faço contigo, ao te carregar
entre minhas flores e estrelas cristalinas

26 ou 27 de junho

Às vezes ela começava a escrever
para nunca mais voltar.
Tinha saído do meio da terra,
brotado em canteiros estreitos,
até ser recolhida por uma alma aflita.
Depois de acostumou a ser tocada,
Pousada entre as pernas,
numa oscilação febril,
movimentada por sopros e suspiros.
Foi deixada num recipiente frio,
ouvindo a decomposição da água,
por trocas metálicas com as imagens
que um dia foram árvores,
Cujos galhos e brincos balançavam
Ao ritmo de aves persistentes.
Foi recebida e abraçada,
Admiração fugaz tornada fotografia.
Teve pedras guardadas no peito,
delicadas peças de arame e juta
tecidas por um delírio compartilhado.
Arrastada por ondas,
Desejosa pela troca das estações.
Agora, deitada ao pé da árvore,
talvez fosse somente flor,
bifurcada no solo,
para sempre sonhando pétalas.

 Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em
2023.

Trata-se de um primeiro exercício de escrita
de si e de experimentação em versos.

